

A MISTIFICAÇÃO ESCATOLÓGICA PROFETIZADA

1. Perspectiva geral

Esta conferência é um testemunho da verdade e justiça de Deus. Apresenta um juízo profético dos acontecimentos mundiais actuais.

Os acontecimentos internacionais que perturbam e perturbam a humanidade contemporânea têm um fundo espiritual: é a derradeira luta entre o Bem e o Mal na Terra. Estes acontecimentos foram previstos por profecias divinas para nos avisar; recomendam prudência e vigilância para discernir a justiça da iniquidade, e a verdade da falsidade transformada em verdade e justiça. Exporei estas profecias como relatado pela Bíblia e pelo Profeta Maomé.

O mundo inteiro expressou a sua opinião sobre o que está a acontecer hoje; nações e indivíduos declararam os seus juízos, especialmente no que diz respeito ao grande problema internacional, nomeadamente a Palestina e Israel. Alguns activistas têm sido chamados «terroristas» pelos israelitas, enquanto outros acusam os israelitas de terrorismo. Neste hodgepodge, Deus tem uma palavra a dizer na orientação daqueles que procuram a verdade. Diz esta palavra há muitos séculos, mas o homem esqueceu-a. É tempo de recordar estas palavras inspiradas pelo Criador aos seus profetas, para não se desviar do caminho certo.

O objecto do nosso estudo é o Estado de Israel como sinal do fim dos tempos, ou seja, do ponto de vista profético e moral: a atitude em relação ao Estado judaico é considerada como um critério de julgamento, sendo os homens julgados de acordo com o facto de serem a favor ou contra Israel. O que é decisivo nesta matéria é o julgamento de Deus: ele é a favor de um Estado judaico ou é contra ele? Pois, como veremos mais adiante, Deus pronunciou-se contra a criação de uma entidade política judaica na Bíblia.

Os sionistas afirmam que Deus na Bíblia lhes destinou a Palestina a fim de aí estabelecerem um Estado judeu. Afirmo o contrário, demonstrando que Deus nunca pretendeu a fundação de um estado político para os hebreus. Apoiarei as minhas convicções com os livros bíblicos do Antigo e do Novo Testamento, demonstrando o pleno acordo de todas estas profecias na condenação das tentativas de estabelecimento de uma entidade política judaica. O facto de Deus ter convidado Abraão e os seus descendentes a estabelecerem-se em Canaã não significa que os judeus devam ser autorizados a construir um estado próprio, mas que o Patriarca e os seus descendentes possam viver ali como uma comunidade religiosa sem sucumbir à tentação de politizar a sua fé. Na verdade, o judaísmo é uma fé monoteísta que visa a elevação espiritual de todos os homens, e não diz respeito apenas aos judeus.

A evolução do monoteísmo não é política, como os sionistas levam alguns a crer.

A rejeição divina de um Estado judaico significa a condenação de todo o nacionalismo religioso, seja ele judeu, cristão ou muçulmano.

Uma vez que se trata de falar de Israel, virei inevitavelmente falar sobre os judeus do nosso tempo. Devo deixar claro que as minhas posições não são sugeridas por sentimentos superficiais e condenáveis, tais como o anti-semitismo, mas baseiam-se numa base bíblica sólida; tanto mais que eu próprio sou um Semita e testemunho a favor de um Semita autêntico, Jesus Cristo.

O meu noivado com Jesus é uma denúncia do racismo sionista e uma testemunha da universalidade da fé judaica, totalmente contrária ao falso judaísmo dos hebreus modernos. Não é preciso ser um «anti-semita» para descobrir a mentira israelita; basta compreender a verdadeira mensagem do judaísmo, como Jesus tão bem explicou.

Acuso Israel como muitos judeus em Israel, tais como o movimento «Naturei Karta», aqueles judeus não sionistas que se recusam a reconhecer Israel ao ponto de terem feito os seus próprios passaportes. Acuso Israel como um Estado político contrário à vontade divina, um Estado desviado da essência espiritual e universal do verdadeiro judaísmo. Acuso Israel de ter manchado a fé judaica e de impedir muitas pessoas de verem o esplendor da mensagem divina devido à opacidade do seu racismo e materialismo. Acuso Israel sem medo de ser caluniado como anti-semita pelos chauvinistas sionistas e seus aliados pró-sionistas.

O título da minha palestra é: «Israel: a profetizada mistificação escatológica». Para ser melhor compreendido, vou definir os termos deste título

O dicionário Larousse define a palavra «mistificação» da seguinte forma: «Acto ou palavra capaz de mistificar». O verbo «mistificar» é definido da seguinte forma: «Abusar da credulidade de alguém. Enganar para uma ideia atraente mas falsa». Assim definida, a mistificação coloca-nos no coração da mentira, uma vez que se trata de disfarçar o Mal como Bom, de dar uma falsa imagem da verdade. É isto que Israel está a fazer ao afirmar ser um produto divino. A verdade é bem diferente.

A verdade é que o Estado sionista mistifica o Reino de Deus, apresentando-se como obra de Deus na terra. Muitos têm sido seduzidos por esta traição israelita, especialmente entre cristãos, crentes fervorosos talvez..., mas ingénuos e «crédulos».

Israel é um produto de falsificadores que não escapa ao olhar atento, tal como a moeda falsa é detectável pelo perito.

Este estado atrai apenas os fracos e convence apenas as consciências confusas, mas não tem qualquer influência sobre os homens de integridade. Misticamente, Israel encarna mentiras, sedução pelo poder temporal, e tem sido capaz de reunir chegadas e oportunistas de todos os lados no mundo da política.

A denúncia de um estado judeu não é um facto novo, mas um comportamento verdadeiramente bíblico. De facto, no passado, os profetas da Bíblia sempre condenaram a instituição de um Estado político judeu, um reino judeu terrestre com um homem judeu como seu monarca. Um tal reino é uma mistificação porque o verdadeiro reino espiritual é aquele em que Deus é o único Rei das criaturas. É por isso que os profetas denunciaram este reino israelita como sendo contrário à vontade divina. No entanto, como veremos mais tarde, os judeus insistiram em ter um judeu como rei. E, apesar da condenação explícita de um Estado judeu na Bíblia, os israelitas continuam hoje a apresentar o seu Estado como o cumprimento da vontade divina. Esta é a mistificação.

Quanto ao termo «escatológico», refere-se ao fim dos tempos, a partir da palavra grega «eschatos» que significa «o fim». Israel é um fenómeno escatológico, porque foi anunciado pela profecia como um dos principais sinais do fim dos tempos e do regresso de Jesus como o Juiz supremo de todos os homens. É precisamente porque o Estado de Israel foi profetizado no fim dos tempos que escolhi como título desta conferência: «Israel: a mistificação escatológica profetizada».

Por muito escatológico que seja o estado hebraico do século XX, já existia no passado, no século XI a.C., um tal estado sob a forma de um reino. Este reino, estabelecido pelos judeus apesar da recusa divina com Saul como o primeiro rei, dividiu-se em dois apenas cerca de cem anos após a sua fundação. Havia então dois reis judeus, um para o reino do norte, chamado Israel, e o outro para o reino do sul, chamado Judá. O primeiro desapareceu rapidamente: cem anos após a sua criação foi destruído pelos assírios no ano 721 a.C. O segundo sofreu o mesmo destino um século e meio depois, em 586 a.C., saqueado pelo exército do rei Nabucodonosor, o babilónio. O Templo de Jerusalém foi então destruído, deixando os judeus sionistas com a sede secular -tradicional - de restabelecer o reino de Israel... e isto apesar da recusa frequentemente repetida de Deus.

Após cerca de cinco séculos, no segundo século a.C., um novo reino judeu surgiu sob o domínio do Império Romano, tendo Herodes, o Grande, como primeiro rei. Este reino estabelecido pelos

romanos foi destruído por eles cem anos mais tarde sob o imperador Vespasiano quando Tito, filho do imperador, invadiu Jerusalém e destruiu o seu templo em 70 EC. Os judeus, como é bem sabido, dispersaram-se então pelos quatro cantos do globo. Nunca deixaram de sonhar em regressar à Palestina a fim de estabelecer o reino judaico que acreditavam ser messiânico e apenas em benefício dos judeus. Não paravam de repetir um ao outro: «Ha shana ha vaa be Yerushalaim», que significa: «No próximo ano em Jerusalém» (*Hoje, por outro lado, os judeus de Israel, desapontados com este Estado que eles próprios criaram, repetem-se uns aos outros: «No próximo ano em Paris, Roma, Nova Iorque ou Rússia...»*).

Após 2000 anos de ausência, reaparece um Estado israelita na Palestina. A maioria dos judeus e cristãos, enganados pela propaganda sionista, vêem-na como um milagre divino. Outros, por outro lado, foram capazes de manter a cabeça fria e compreenderam que com o reaparecimento de Israel as profecias evangélicas sobre o Anticristo estão a ser cumpridas.

Ao reaparecer, este estado Anticristo não só explicou as profecias evangélicas sobre o mesmo, mas também lançou uma luz plena sobre as profecias enigmáticas do Apocalipse de São João. Este livro inspirado e profético por excelência alerta para o poder maléfico e sedutor que se deve manifestar poderosamente na Palestina no fim dos tempos para testar os povos de todo o mundo.

O Anti-Cristo foi anunciado por São João na sua primeira carta. O apóstolo diz-nos que ele aparecerá no fim dos tempos, e que a sua característica distintiva será negar que Jesus é o Cristo. Este é o caso de Israel, que não só nega o messianismo de Jesus, mas também se apresenta aos judeus e ao mundo como um Estado Messias, o Salvador dos judeus de todo o mundo. Este messianismo estatal, sendo de natureza política, é chauvinista uma vez que é restrito e reservado a apenas uma categoria de homens, nomeadamente os judeus; é a antítese do messianismo espiritual e universal de Jesus, aberto a todos os homens de boa vontade, sem qualquer distinção religiosa ou racial.

Além disso, o livro do Apocalipse adverte os homens que um poder enganoso, visto por São João como uma «Besta», aparecerá na Palestina pouco antes do regresso de Cristo para o julgamento final. João explica que «esta Besta estava no passado, já não no ano 95 depois de Cristo, quando teve as suas visões apocalípticas, mas que se levantará do poço sem fundo para ir para a sua perdição» (Apocalipse 17:8).

Israel, quando regressou ao mundo em 1948 após a sua morte, explicou-nos esta profecia bíblica que tinha permanecido obscura durante 2000 anos. De facto, apenas este estado tinha sido no passado, tinha sido destruído por Tito no ano 70 d.C. e por isso já não o era no ano 95 d.C., durante as visões apocalípticas de João, e reapareceu «do abismo» para se manifestar no mundo desde 1948.

Todas as profecias divinas predizem a boa nova da queda desta «Besta», o Anticristo, para que Jesus de Nazaré, o único verdadeiro Cristo, possa ser glorificado na terra (Apocalipse 14,6-13).

Israel é chamado «Besta» devido ao seu carácter bélico e bestial no passado e no presente. Este Estado está condenado à injustiça e à violência porque só pode ser erigido à custa dos direitos humanos, especialmente dos palestinianos, os legítimos e seculares proprietários da Palestina. Esta é uma das razões pelas quais um Estado judeu sempre foi condenado por Deus e pelos profetas, como demonstrei na primeira parte desta conferência.

2. A Bíblia condena o Estado do Judaísmo

A primeira tentativa de nacionalizar o judaísmo é registada pela Bíblia no capítulo 8 do Livro dos Juízes. Teve lugar no século XI a.C. Gideon, um dos Juízes, conduziu triunfantemente guerras na Palestina a fim de aí implantar os judeus. Ganhou assim a confiança da comunidade. A comunidade enviou-lhe portanto representantes que lhe pediram para estabelecer um reino judeu do qual ele próprio inauguraria a dinastia real, sendo o primeiro rei, o seu filho reinando depois dele, depois o seu neto (Juízes 8:22).

Mas Gideon, tendo compreendido a essência espiritual e não política do Judaísmo, respondeu à comissão: «Não, não reinarei sobre vós, nem o meu filho reinará sobre vós, pois Deus é o vosso Rei» (Juizes 8:23). A recusa de Gideon abortou esta primeira tentativa, mas a semente da politização continuou a ror os corações dos israelitas, tornando-os mais agressivos para com os seus vizinhos e mais determinados a escolher um rei judeu.

A segunda tentativa de nacionalização ocorreu um século após a primeira, no tempo do profeta Samuel. O capítulo 8 do primeiro livro de Samuel diz-nos que «Todos os anciãos de Israel se reuniram e vieram a Samuel em Ramá para lhe dizer: 'Fazei de nós um rei para nos governar como as outras nações o fazem'. Desagradou a Samuel que eles dissessem: 'Dai-nos um rei para nos governar como as outras nações'» (1 Samuel 8:4-6).

Isto mostra que a situação social da comunidade judaica desde o início era espiritual, não nacionalista, uma vez que era diferente da de outras nações. Agora os judeus, especialmente os judeus de hoje, reduziram o judaísmo ao nacionalismo israelita, transformando os israelitas em israelitas. O termo «israelita» refere-se aos judeus como uma comunidade religiosa. Por outro lado, o termo «israelita» refere-se à «nação» judaica, o cidadão do actual Estado de Israel.

Uma característica distintiva desta segunda tentativa é que a Bíblia, aproveitando a oportunidade desta vez, revela o que não tinha sido esclarecido na primeira tentativa, nomeadamente que a condição de Estado não só desagradou a Samuel, como tinha Gideão antes dele, mas acima de tudo **a Deus**.

Na verdade, descontente com os judeus que vieram implorar-lhe, «Samuel chamou a Deus», diz a Bíblia, «mas Deus disse a Samuel: ... eles não te rejeitaram, mas rejeitaram-me, para que eu não reine mais sobre eles...» (1 Samuel 8,7).

Perante esta sentença divina que consolidou as suas convicções, Samuel tentou convencer os judeus a renunciar ao seu nacionalismo, mas eles tornaram-se cada vez mais teimosos, exigiram um rei, tornando-se surdos às directivas divinas e ao destronamento (*Comentário na rádio israelita em 1986, sobre a Revolução Francesa: Os franceses não foram os primeiros a destronar um rei (Luís XVI), mas nós (os judeus) fomos os primeiros a destronar Deus*). O próprio Deus para satisfazer os seus desejos. Por isso disseram a Samuel: «Não, teremos um rei e também nós seremos como todas as outras nações. O nosso rei governará sobre nós, e ele sairá e travará as nossas batalhas» (1 Samuel 8:19-20).

Analisando estas observações, podemos ver que o objectivo supremo na escolha de um rei judeu é a guerra desde o início, uma vez que consiste em liderar os israelitas invasores em guerra contra os habitantes indígenas, os legítimos proprietários do território cananeu cobiçado pelos israelitas. Assim, ontem como hoje, Israel é marcado pela guerra, irremediavelmente devotado à prática da violência armada para usurpar a terra de outros.

A razão do carácter belicoso de Israel é a necessidade deste estado anormal de recorrer à injustiça e à violência armada para satisfazer as suas luxúrias. Não foi sem uma boa razão que Deus e os seus profetas se levantaram contra a sua instituição. O profeta Miquéias denunciou com rara força os crimes de Israel e, perante o temível silêncio de todos, este nobre profeta ousou corajosamente dizer em voz alta: «Eu, pelo contrário, estou cheio de força e do sopro de Deus, de justiça e coragem para proclamar a Jacó o seu crime e a Israel o seu pecado: Ouvi, ó príncipes da casa de Israel, vós que abominais a justiça e torceis o que é justo, vós que edificais Sião com sangue e Jerusalém com crime...» (Miquéias 3:9-10). E o próprio Deus a gritar pela boca do profeta Oséias: «Fizeram reis, mas sem o meu conhecimento constituíram governantes, mas sem o meu conhecimento» (Oséias 8:4).

Esta é a língua a ser utilizada pelos israelitas hoje em dia. Mas também devemos ter a coragem dos profetas para falar como eles. É espantoso que os cristãos, com líderes na liderança, tenham medo de seguir os passos dos profetas e, em vez de respeitarem o testemunho que devem a Jesus, vão e louvem os israelitas que o negam.

Os cristãos não devem esquecer que o seu Mestre se recusou a subscrever um Estado israelita e, como Gideão fez antes dele, esquivou-se quando os judeus o quiseram proclamar rei sionista, como aprendemos no capítulo 6:15 do Evangelho de João. É também o império político sionista, que o diabo ofereceu a Jesus e que ele rejeitou com desprezo (Mateus 4,8-10). Deixa-se de ser discípulo de Cristo assim que se aceita o estado do Anticristo, Israel. Muitos perderam a alma como resultado do sionismo. Por outro lado, qualquer homem que resista à mentira israelita e à luta, é testemunha de Deus, mesmo que pareça ser ateu.

3. Os profetas anunciando o reaparecimento de Israel

As profecias falam do renascimento de Israel como um poder do mal e um sinal do fim dos tempos. Contudo, o Estado judaico apresenta-se como o cumprimento de profecias divinas e o símbolo do Bem. A maioria dos cristãos, enganados por esta farsa israelita, apoiam o Estado de Israel.

Contudo, não é errado acreditar que a Bíblia tenha predito Israel. O que é falso é acreditar que este estado é um poder benéfico que resulta da vontade de Deus. Porque é verdade que a Bíblia falava do regresso de Israel, mas como uma força maligna e uma obra maligna. Deus permite esta manifestação sondar os corações e as consciências dos homens antes do regresso de Jesus. Foi por isso que a Bíblia advertiu os homens; mas estas advertências, para muitos, foram em vão.

O Apocalipse diz-nos para termos subtileza e inteligência (Apocalipse 13:18 & 17:9). Chegou a hora de adquirir estas armas espirituais a fim de discernir o espírito agindo através do estado hebraico: é o bom Espírito do Criador ou o diabo enganador?

O simulacro israelita foi bem concebido, mas a inteligência humana esclarecida é capaz de o detectar. As profecias divinas foram-nos dadas precisamente para nos ajudar a compreender sem confusão o significado dos acontecimentos que se desenrolam diante dos nossos olhos no Médio Oriente. Aqueles que querem ser cegos não verão.

Os judeus contemporâneos confiam em profecias ultrapassadas do Antigo Testamento para vencer os cristãos e reuni-los em Israel. Os cristãos em massa responderam ao apelo israelita; povos e indivíduos foram enganados pelo raciocínio sionista. No entanto, este raciocínio baseia-se em falsas interpretações de profecias bíblicas para justificar a existência política de Israel. O que é mais espantoso não é a astúcia sionista, mas a ignorância bíblica dos cristãos e a sua ingenuidade. Engoliram todos os chamados pratos «proféticos» oferecidos pelos israelitas para não serem acusados de anti-semitismo.

A interpretação sionista da Bíblia e a «Sionização» dos textos bíblicos deve ser denunciada. Pois as profecias a que os sionistas se referem para justificação não se aplicam a um Estado israelita contemporâneo. Tanto judeus como cristãos estão bem conscientes de que estas profecias se referem ao regresso à Palestina de judeus do exílio assírio-babilónico, mas regressaram como uma comunidade religiosa, sem objectivos políticos ou nacionalistas. Desde que este regresso foi realizado no século VI a.C., é evidente que estas profecias não têm qualquer ligação com o estado israelita do século XX.

Cristo tinha-nos avisado sobre as subtilezas hebraicas e recomendou-nos novamente que estivéssemos atentos para manter viva a nossa inteligência e «ter **a força** para escapar a tudo o que deve acontecer» (Lucas 21:36). Por isso, fomos advertidos contra Israel. No entanto, poucos tinham «a força» para resistir à corrente sionista que arrastava os fracos. Jesus disse-nos novamente: «Cuidado para não vos enganardes, pois muitos dirão: 'Eu sou o Cristo', e enganarão muitos... Se alguém vos disser: 'Este é o Cristo' ou 'Este é o Cristo', não acrediteis nisso. Pois surgirão falsos Cristos e falsos profetas que produzirão grandes sinais e maravilhas, capazes de enganar, se possível, até os eleitos. Fostes avisados» (Mateus 24:4-25).

De facto, Israel é um prodígio considerável que tem abusado das massas humanas, apesar de terem sido avisados do perigo. Poucos cristãos, especialmente entre os líderes, tiveram a força de manter

a integridade do discernimento e do testemunho que devem a Jesus perante os israelitas que o negam. Estes últimos são os falsos profetas anunciados por Jesus.

Os israelitas são, de facto, falsos profetas porque rejeitam Jesus e falam do Cristo sionista. Pensavam tê-lo encontrado em Ménaém Bégin, antigo primeiro-ministro que se demitiu em 1983, em Ariel Sharon, antigo chefe do exército, que foi deposto após o crime de Sabra e Chatilla no Líbano em 1983, ou no rabino adjunto fundamentalista Méir Kahana. Mas todas estas têm desiludido as aspirações sionistas. Apesar disso, os israelitas continuam a sua busca pelo Messias

Assim, como podemos ver, muitos cristãos têm-se mostrado solidários com os falsos profetas israelitas que ainda afirmam que Cristo está por vezes aqui e por vezes ali, como Jesus tinha previsto. É por isso que testemunhamos que Jesus é o verdadeiro Cristo e que Israel é o Anticristo que procura substituir-se a si próprio por Cristo. Talvez ainda haja tempo para os cristãos que tenham sido seduzidos acordarem.

O Evangelho predisse o presente e duro julgamento sionista como uma acção **mistificadora**, que aparece **subitamente** no fim dos tempos para sondar os corações de **todos os** homens. Apresentarei, portanto, as profecias que falam dela, destacando estes três aspectos

1. Mystificação
2. O efeito de surpresa porque é inesperado
3. A sua universalidade.

Estes três aspectos encaixam perfeitamente e apenas com o Estado de Israel.

3.1 Mystificação

Israel foi anunciado como uma mistificação. Vimos que a mistificação é sinónimo de enganar, atrair, iludir ou abusar da boa fé de alguém.

Vimos também que Cristo advertiu contra os falsos profetas do fim dos tempos: «Cuidado com os falsos profetas». Vêm até si em pele de ovelha, mas por dentro são lobos esfomeados. Conhecê-los-eis pelos seus frutos» (Mateus 7:15-16).

Os israelitas apresentam-se como ovelhas com a garganta cortada por Hitler. Com esta chantagem emocional ganharam a simpatia e o apoio dos ocidentais. Pois, paradoxalmente, o Anticristo precisa do apoio material e moral dos seguidores de Cristo europeus e norte-americanos para existir, o que ele recusa; por isso, ele não ousa atacar Jesus de frente, negando que ele é o Cristo, nem ousa expressar a sua oposição ao Cristianismo, porque isso não lhe convém. Israel vagueia, portanto, para reunir a opinião pública americana e europeia, procurando não falar de religião e demonstrando respeito pela pessoa de Jesus, apresentando-o como um «judeu como eles» e um dos seus, mas evitando revelar que não acreditam que ele seja o Messias esperado.

Contudo, insistem em pontos aos quais os ocidentais têm sido sensibilizados: ajudar as vítimas judias do nazismo e o povo da Bíblia a regressar à terra prometida. É com tais slogans que a maioria dos ocidentais tem sido enganada.

Os europeus foram levados a sentir-se culpados pelo exagero e pelo destaque dado ao fenómeno conhecido como o Holocausto. As muitas organizações e ramos do judaísmo internacional - como o Congresso Mundial Judaico - forçaram a Europa Ocidental e especialmente a Alemanha a compensar os judeus ajudando financeira, política e militarmente o Estado de Israel contra os árabes. Os israelitas obtiveram esta ajuda.

Com as armas recebidas, Israel cometeu os seus inúmeros crimes contra os povos palestino e libanês em particular e contra os árabes em geral. Apesar disso, os cristãos ocidentais continuam a apoiar o inimigo de Cristo, fazendo-se cúmplices dos seus crimes.

Através dos poderosos lobbies internacionais ao seu serviço, o Estado hebreu assegurou a solidariedade da Europa Ocidental e dos Estados Unidos da América. Além disso, pelo controlo quase total dos meios de comunicação social: imprensa, rádio e televisão, os sionistas asseguram que os seus aliados permanecem ignorantes do que se passa no Médio Oriente. No entanto, cabe a eles revelar o que lisonjeia Israel e o que dá uma imagem deste estado caído, apresentando-o como um símbolo de distinção e de alta civilização.

A nível social, portanto, os judeus modernos aparecem como vítimas e a nível bíblico como o povo escolhido que regressa à sua chamada terra prometida, a Palestina.

Esta dupla mistificação tem seduzido quase todas as igrejas cristãs. O poderoso sonífero sionista pôs a dormir aquelas «esposas» de Jesus Cristo que, com o tempo, esqueceram-se de vigiar como o seu Esposo lhes tinha pedido que fizessem. O Vaticano, é verdade, não reconheceu oficialmente o Estado de Israel, mas os líderes israelitas são aí recebidos sumptuosamente e oficialmente como Chefes de Estado. Golda Meir, a falecida ex-Primeira-Ministra de Israel, recebida em audiência pelo falecido Papa Paulo VI, não deixou de atirar na cara do Pontífice que a recebia a sua indignação pelo facto de os judeus terem sofrido por causa da cruz pendurada no muro atrás dele. Mas este líder cristão, tal como os seus sucessores, nunca ousou perguntar às personalidades israelitas que o visitaram o que pensavam de Jesus e da sua crucificação. Além disso, Israel tem os seus representantes «não oficiais» no Vaticano, apesar da ausência de relações diplomáticas entre os dois «Estados». *Coloco a palavra «estados» entre aspas porque nenhum deles se justifica em termos políticos existentes. De facto, o «Estado» do Vaticano, como entidade política, é um nacionalismo condenado por Jesus como o era o Estado de Israel.*

As relações desonestas e hipócritas entre Israel e o Vaticano sublinham a seriedade da abdicação dos cristãos em favor do Anticristo israelita.

No entanto, foi contra o engano israelita que o Evangelho nos advertiu. Aqueles que se nos apresentam hoje sob a máscara do judaísmo são desmascarados pelo Apocalipse de João que os revela como charlatães e «usurpadores de títulos». Duas vezes em Apocalipse são denunciados como falsos judeus, dizendo: «Dizem que são judeus, mas não o são. São antes uma sinagoga de Satanás» (Apocalipse 2,9). Então Jesus diz novamente ao Seu povo em Apocalipse: «Farei com que os que estão na sinagoga de Satanás - eles chamam-se judeus, mas não são, mentirosos - sim, farei com que eles venham e adorem aos vossos pés e reconheçam que vos amei» (Apocalipse 3,9).

Estes mentirosos não são mais do que o Anticristo descrito por São João na sua primeira carta: «Quem é o Mentiroso mas quem nega que Jesus é o Cristo, é o Anticristo» (1 João 2,22).

Na sua segunda carta, São João fala-nos novamente deste astuto inimigo de Cristo e revela que é um grupo de sedutores, dizendo: «Muitos sedutores não confessam Jesus. Este é o Sedutor, o Anti-Cristo» (2 João 1:7).

Note-se que «muitos sedutores», no plural, juntos formam «o Sedutor» por excelência, o Anticristo, no singular. Este grupo homogéneo de pessoas que, juntas, recusam Cristo Jesus formar uma «pessoa moral»: o Anticristo. Da mesma forma, durante as guerras, falamos de «o inimigo» (singular) para designar tropas inimigas (plural).

No nosso caso, o «inimigo» a combater são aqueles que negam que Jesus é o Cristo. O seu símbolo é o Estado de Israel, pois é aí que estão reunidos em busca do seu «Messias». Por vezes confundiram-no com o Estado hebraico, por vezes com o povo israelita ou todos os judeus do mundo, ou mesmo com algum líder que tenha saído das suas fileiras.

Esta busca desordenada e vaidosa de um Messias sionista realça a mistificação prevista por Jesus que disse: «Muitos virão em meu nome e dirão: 'Eu sou o Cristo', e enganarão a muitos» (Mateus 24,5). Estes mistificadores apareceram. Afirmam todos os dias que com o aparecimento de Israel entrámos agora na era messiânica, a do Messias sionista e israelita. Por outro lado, recordamos

aos homens que a era do verdadeiro messianismo começou há dois mil anos com Jesus de Nazaré, e reconhecemos na actual era israelita a do Anticristo anunciado por Cristo e os seus Apóstolos.

A grande missão do Anticristo é reunir judeus de todo o mundo na Palestina. Esta reunião é a espinha dorsal da mistificação sionista. Para o conseguir, os próprios judeus modernos devem ser seduzidos pela ideia de que são o povo escolhido que regressa à sua terra prometida. Esta sedução tem sido bem sucedida porque quase todos os judeus do mundo acreditaram nela e a apoiaram, de boa ou má vontade, sob as pressões do sionismo mundial.

É por isso que o Apocalipse tinha prevenido que Satanás, e não Deus, iria inspirar esta reunião dos judeus na Palestina no final dos tempos: «E Satanás foi libertado da prisão, e saiu e enganou as nações que estavam nos quatro cantos da terra (isto é, os judeus que estavam em todo o mundo), Gog e Magog, e reuniu-os para a guerra... E subiram para toda a extensão da terra (Palestina), e entraram na cidade amada (Jerusalém)» (Apocalipse 20:7-9). A menção de Jerusalém («A Cidade Amada») indica que o centro dos acontecimentos apocalípticos a partir dos quais o Anticristo opera é a Palestina, e especialmente Jerusalém, cobiçada pelos israelitas como a sua capital.

Assim, o Apocalipse ilumina-nos ao revelar que os israelitas são conduzidos por Satanás, o seu «enganador». Eles, por sua vez, tornaram-se enganosos, e conseguiram enganar os seus aliados através de um raciocínio falso.

São Paulo, na sua segunda carta aos Tessalonicenses, prevê também o aparecimento futuro do Anticristo a quem chama «o Maligno». Ele diz que o Anticristo só conseguirá enganar aqueles que amam mentiras, e adverte contra as suas obras mistificadoras com estas palavras: «A sua vinda até ele, o ímpio, terá sido marcada pela influência de Satanás, com todo o tipo de obras de poder, sinais e maravilhas mentirosas, bem como com todos os enganos do mal, sobre aqueles que estão condenados à perdição por não terem recebido o amor da verdade que os teria salvo. Portanto, Deus envia-lhes uma influência que os desvia, que os leva a acreditar numa mentira, para que todos aqueles que se recusam a acreditar na verdade e tomam o lado do mal possam ser condenados» (2 Tessalonicenses 2,9-10).

A verdade é que Israel é o Anti-Cristo. Muitos cristãos recusam esta verdade e preferem seguir a mentira israelita. Aqueles que são solidários com Israel tomam o partido do mal. O Estado sionista, através dos seus poderosos meios de informação e da arte do disfarce, engana apenas aqueles que estão condenados à perdição por não acreditarem na verdade que proclamamos: **ISRAEL É O ANTI-CHRIST**

Finalmente, é de notar que Paulo, tal como João, atribui ao diabo, não a Deus, o poder passageiro de Israel dizendo que «a vinda dos ímpios terá sido marcada pela influência de Satanás».

O trabalho mistificador de Israel teria sido perfeitamente bem sucedido se as profecias divinas não tivessem estado presentes para nos iluminar num mundo obscurecido por mentiras sionistas.

3.2 Israel anunciado como uma provação inesperada

O julgamento apocalíptico foi profetizado como um fenómeno repentino; é através do aparecimento inesperado do Anticristo que Deus soará os corações dos homens no fim do mundo, antes do regresso de Cristo como juiz universal.

Jesus disse: «Se o dono da casa soubesse a que horas vinha o ladrão, ele teria observado e não teria permitido que as paredes da sua casa fossem derrubadas. Portanto, estai vós também preparados, pois a essa hora não pensais que o Filho do Homem virá» (para soar os corações através do Anticristo) (Mateus 24,43-44). Ele também diz: «Se não vigiades, virei como um ladrão, e não saberás a que hora te apanharei» (Apocalipse 3:3).

Paulo retoma as advertências de Jesus e pede aos crentes que estejam vigilantes para não serem surpreendidos. Ele disse: «O Dia do Senhor vem como um ladrão no meio da noite. Quando os homens dizem a si próprios: 'Paz e segurança', de repente perder-se-ão... e não poderão escapar

a isso. Mas vós, irmãos, não estais na escuridão de que este Dia vos deve vir sobre vós como um ladrão» (1 Tess. 5:2-4).

As profecias deixam claro que a temível prova apocalíptica surpreenderá apenas os imprudentes que não tiveram o cuidado de salvaguardar a integridade do seu discernimento. Eles são rejeitados por Deus. Por outro lado, aqueles que Deus terá julgado dignos de serem advertidos serão advertidos pelo próprio Cristo, que, em Apocalipse, diz ao vigia: «Porque guardastes o meu mandamento de paciência, também eu vos guardarei da hora do julgamento que virá sobre todo o mundo» (Apocalipse 3:10). Paulo confirma o facto de que Cristo intervirá para salvar aqueles que têm sido fiéis às suas instruções. Pois diz: «Cristo aparecerá uma segunda vez aos que o esperam, para lhes dar a salvação» (Hebreus 9,28).

A segunda aparição de Cristo é discreta e não tem lugar aos olhos de todos, mas daqueles que observam com amor nos seus corações para esperar por Jesus. Ocorre em segredo, dentro da alma feliz escolhida por Deus por causa da sua fidelidade. Aqueles que gostam de manifestações externas e aqueles que são curiosos não verão, portanto, nada disso. No passado, Jesus muitas vezes levava os seus intimidados de lado para lhes explicar as parábolas que falava e as profecias que o previam. Após a Sua Ressurreição, apareceu apenas ao Seu próprio povo para «interpretar em todas as Escrituras o que lhe dizia respeito» (Lucas 24,27). É o mesmo hoje, nestes tempos apocalípticos: o Cristo vivo explicará os mistérios e as profecias escatológicas apenas àqueles que ele julga sinceros e devotos.

O súbito aparecimento de Israel foi um facto inesperado. Os próprios israelitas já não se atreviam a acreditar nisso. Surpreendidos e exaltados, clamaram por um milagre. No seu entusiasmo, atraíram aliados cristãos que foram seduzidos e encantados pelas maravilhas mentirosas do sionismo. Surpreendidos com a provação que os enfeitou, israelitas e pró-israelitas foram apanhados nas redes perversas da injustiça e da mentira, que preferiram à verdade.

3.3 Israel anunciado como um teste universal

O teste do tempo final é um exame de promoção à vida eterna. Estamos todos sujeitos a isso. Consciente ou inconscientemente, colectivamente e individualmente, a consciência de todos sem excepção, é escrutinada, pois a influência de Israel é internacional. A sua presença na ONU demonstra-o.

Os pró-sionistas são, em geral, pessoas que estão ligadas a Israel por laços de interesses materiais comuns. Não estão dispostos a sacrificar-se pela justiça e, portanto, não querem ir contra a maré de uma situação estabelecida pelas grandes potências. Sendo egoístas, temem sobretudo pelo seu futuro e evitam, a todo o custo, os perigos de um compromisso anti-israelita. Este é o caso de um bom número de políticos ocidentais que, para obter o apoio dos judeus nos seus respectivos países, tiveram de satisfazer os requisitos do sionismo internacional. Entre outras manifestações públicas pró-israelitas, tiveram de realizar a sua «peregrinação» política a Israel com relutância e muitas vezes contra a sua consciência, sabendo que isto é necessário para o seu avanço político. Nenhum progresso é feito hoje em dia no campo político sem lisonjear Israel.

No entanto, alguns estão bem conscientes do profundo significado dos acontecimentos actualmente em curso no mundo, e particularmente no Médio Oriente. Outros, por outro lado, parecem desconhecer completamente as graves consequências das suas posições, envolvendo-se nelas sem conhecimento e sem uma reflexão madura. Este estado de ignorância é pretendido por uma mente subconsciente que se sente culpada e procura fugir ao conhecimento de uma verdade que a condena. Apenas uma consciência perversa está inclinada para Israel. Um coração honesto e alerta não se deixa enganar.

É por isso que Jesus nos disse: «Vigiai, para que os vossos corações não se tornem pesados de deboche, embriaguez e preocupações com a vida, e este Dia **venha de repente** sobre vós como uma rede, pois cairá sobre **todos os** que habitam sobre a face de **toda a terra**. Vigiai portanto e

rezai sempre, para que sejais suficientemente fortes para escapar a tudo o que está para vir» (Lucas 21,34-36). Apesar de tantos avisos, muitos, infelizmente, perderam a sua força e renderam-se ao inimigo sionista, apanhados nas redes do Anticristo.

A universalidade do julgamento apocalíptico foi de facto anunciada pelo Evangelho. E, de facto, os acontecimentos apocalípticos ocorrem de forma a atrair, inevitavelmente, o julgamento de todos sobre os protagonistas. Os meios de comunicação social revelaram todas as injustiças cometidas e todos os crimes foram trazidos à luz do dia. A grande maioria no Ocidente justifica o Anti-Cristo apesar dos seus crimes e incrimina as vítimas do Sionismo. A rede israelita caiu, como Cristo avisou, «de repente e sobre todos os habitantes da terra», mas muito poucas pessoas tiveram a força para escapar dela.

A universalidade do julgamento apocalíptico ainda é aparente na magnitude do mal-estar profetizado: «As **nações** estarão angustiadas... Os homens morrerão com medo, à espera do que ameaçará o **mundo**», disse Jesus no Evangelho de Lucas (Lucas 21,25-26). Jesus continua esta mesma proclamação em Apocalipse declarando: «Todas as igrejas (isto é, todos os homens) saberão que eu sou Aquele que procura as rédeas e os corações» (Apocalipse 2,23). O que assusta o mundo moderno é a conflagração nuclear capaz de ser desencadeada pelo sionismo e os seus agentes secretos infiltrados em todo o lado.

Jesus dá-nos um ponto de referência sobre o momento do julgamento; este ponto ainda é universal, Ele diz: «Esta Boa Nova do Reino (o Evangelho) será proclamada **em todo o mundo**, como testemunha perante todos os povos. E então chegará o fim» (Mateus 24,14). Hoje, o Evangelho é traduzido em todas as línguas e difundido em todo o mundo. Chegou, portanto, o momento da prova universal para «testar os habitantes da terra», como Jesus diz em Apocalipse 3,10 (Apocalipse 3,10).

O julgamento sionista deve servir os propósitos de Deus e glorificar Jesus. É através dela que todas as nações saberão que Jesus é o verdadeiro Cristo e o Juiz dos homens, como Ele próprio diz: «Todas as igrejas saberão que eu sou Aquele que sonda as rédeas e os corações» (Apocalipse 2,23).

«Imediatamente após o problema daquele Dia ... o sinal do Filho do Homem aparecerá no Céu, e então todas as raças na terra baterão nos seus seios», diz Jesus (Mateus 24:29-30). O Apocalipse acrescenta, falando de Jesus: «Todos o verão, mesmo aqueles que o trespassaram» (Apocalipse 1,7). Assim, todos os homens admitirão que Jesus é o Cristo de Deus, mesmo os judeus responsáveis pela Sua crucificação.

O levantamento escatológico ainda não reuniu numa grande família espiritual todos os discípulos de Cristo espalhados por todo o mundo. Para este fim, Jesus enviará novos apóstolos anunciados pelo Evangelho que diz: «O Filho do Homem enviará os seus anjos (os seus enviados) com um som de trombeta para reunir os seus eleitos dos quatro cantos da terra...» (Mateus 24:30-31).

Com o aparecimento do Anticristo, Jesus levanta assim uma nova geração de apóstolos porque, como ele próprio tinha dito, «Não se pode pôr vinho novo em odres velhos» (Mt 9,17), tanto mais que estes odres secos não eram fiéis para testemunhar a favor de Jesus na face do Anticristo.

A «trombeta sonora» que Cristo dá hoje aos Seus apóstolos dos últimos tempos para reunir os Seus eleitos é a revelação da identidade do Anticristo. Estes apóstolos já estão a trabalhar no mundo.

4. Os Frutos da Mystificação Sionista

Como foi profetizado, a colheita sionista provou ser abundante. Centenas de milhões de almas caíram e continuam a cair em armadilhas sionistas. Os homens, e não menos importante, cederam finalmente sob o peso da pressão judaica.

Na verdade, o Concílio Vaticano II chegou ao ponto de justificar os judeus contemporâneos, querendo esquecer a sua negação de Jesus e os seus crimes contra os direitos humanos no Médio Oriente. Este Concílio convidou os cristãos a trabalharem em estreita colaboração com os judeus. Os bispos ainda emitiram declarações de solidariedade não só com os judeus mas também com os israelitas, sob o pretexto de que o judaísmo é o antepassado do cristianismo. Aqui vemos o sucesso completo do plano sionista de levar os cristãos a reconhecerem Israel através do judaísmo. Assim, a confusão entre o judaísmo como religião e Israel como Estado foi estabelecida. Os cristãos já não discernem um do outro.

O clero cristão sénior, incluindo católicos e protestantes em França e nos Estados Unidos da América, emitiu declarações pró-judaicas que resultaram num apoio inabalável ao Estado de Israel. A solidariedade com este estado foi frequentemente

apresentada como uma obrigação moral e fidelidade ao cristianismo. Várias paróquias foram obrigadas a trabalhar em estreita colaboração não só com judeus mas também com Israel.

O argumento do Concílio Vaticano foi que o que aconteceu durante a paixão de Cristo não pode ser atribuído nem indiscriminadamente a todos os judeus então vivos, nem aos judeus do nosso tempo, concluindo que a Igreja não pode esquecer a herança espiritual que tem em comum com os judeus.

A questão que surge na consciência de um cristão maduro é: «Que herança espiritual comum pode existir entre aqueles que acreditam no messianismo de Jesus e aqueles que o negam? Jesus não disse aos judeus que o recusaram: Se não acreditardes que eu sou (o Messias), morrereis nos vossos pecados» (João 8,24). Afirmamos, portanto, que na medida em que se nega Jesus como Cristo, se torna cúmplice dos seus algozes e envolvido na sua crucificação. De facto, Paulo considera que aqueles que apostaram «crucificar o Filho de Deus por sua própria conta e O desprezam publicamente» (Hebreus 6:6).

Como podemos, então, descrever aqueles que teimosamente negam Jesus como Cristo? O Evangelho diz-nos que o Anticristo é aquele que nega que Jesus é o Cristo. Assim, com todo o respeito pelos vaticanistas, preferimos ater-nos à opinião do Evangelho e denunciar os israelitas como o Anticristo. Compreendemos que o espírito de Cristo é anti-sionista.

Há cardeais e outros líderes protestantes que tomam a liberdade de julgar o Evangelho como demasiado anti-semita. Sobre este assunto, cito um texto publicado pela imprensa internacional em 1985, citando a Agence France-Presse, que afirma que «o Cardeal Johannes Willebrands, responsável no Vaticano pelas relações judaicas, admitiu em Oxford que várias passagens do Novo Testamento tinham sido utilizadas para justificar o anti-semitismo. Num debate na Universidade de Oxford, o Cardeal Willebrands citou vários versos do Novo Testamento que, segundo ele, tinham tido consequências anti-semitas, incluindo contribuir para uma visão negativa dos judeus e do judaísmo. Em particular, o Cardeal Willebrands citou um versículo de São Mateus (Mateus 27:25: Todo o povo respondeu: 'O seu sangue seja sobre nós e sobre os nossos filhos') e várias passagens do Evangelho de João que apresentam os judeus, quase sem excepção, como estando cegos pela maldade. O artigo prossegue dizendo que «uma figura de alto nível da Igreja Anglicana tinha declarado que a Igreja tinha de negar certas características viciosas do Novo Testamento para o purificar do anti-semitismo» (ver o jornal libanês de língua francesa «L'Orient-Le Jour» de sexta-feira, 15 de Março de 1985).

Assim, neste século XX, os homens que afirmam ser discípulos de Jesus e do seu Evangelho estão a atacar o Evangelho. No seu desejo de agradar aos judeus, aniquilam a sua própria personalidade e perdem o seu discernimento ao ponto de se tornarem anti-cristãos sem se aperceberem disso.

É espantoso que ninguém no Vaticano ou na Igreja Anglicana tenha defendido o Evangelho. A razão, como Paulo previu há 2000 anos atrás, é que o Anticristo «virá sentar-se no santuário de Deus» (2 Tessalonicenses 2:4). Observando a repetição de traições clericais em favor dos judeus,

pode-se concluir que o Anticristo já se sentou confortavelmente no santuário de Deus, no Vaticano e noutros lugares.

Qualquer homem sábio, com um mínimo de reflexão, pergunta-se porque é que os chamados líderes religiosos cristãos estão entusiasmados em «purgar» o Evangelho do chamado anti-semitismo. Porque não falam dos ataques dos profetas do Antigo Testamento contra os judeus? Estes ataques são ainda mais virulentos, mais directos e mais gerais, sendo dirigidos contra todo o povo judeu. O versículo seguinte, que o profeta Isaías dirige ao povo judeu, é uma condenação colectiva: «Ah nação pecadora, um povo carregado de crimes, uma raça maligna... Onde é que vos atingirei de novo, uma vez que estais a acumular traição? Toda a cabeça está doente, todo o coração está podre, desde a sola dos pés até à cabeça, nada está intacto».. (Isaías 1:4-6). Este verso é um dos muitos exemplos do Antigo Testamento. O Evangelho apenas relatou a atitude da maioria dos judeus e as palavras caluniosas que eles dirigiram a Jesus. Ao fazê-lo, o Evangelho é fiel à verdade e conta a história de forma objectiva.

A colheita sionista atingiu todos os estratos sociais: tanto jovens como velhos, religiosos, políticos e civis caíram em favor dos israelitas. Muitos países confraternizaram com Israel; grupos de fraternidade israelo-europeus abundam e são muito activos ao serviço de Israel.

Há mesmo «sionistas cristãos». Este termo simboliza o cúmulo do engano, uma vez que os sionistas negam que Jesus e os cristãos o reconheçam. Estes sionistas, que foram transformados em cristãos, reuniram-se em Agosto de 1985 para o seu primeiro congresso mundial. O jornal «Le Monde» de terça-feira, 3 de Setembro de 1985 relata que estas pessoas se reuniram «na própria sala do casino em Basileia, onde Theodore Herzl se tinha dirigido ao primeiro Congresso Sionista Mundial em 1897, para realizar o primeiro Congresso Sionista Cristão. No final dos seus trabalhos, os cerca de 600 participantes de 28 países apelaram aos cristãos para que apoiassem Israel». É interessante sublinhar novamente o facto de que o Judaísmo serve de trampolim para o Estado de Israel.

Este fenómeno é comum nos Estados Unidos da América, onde o vasto movimento dos «fundamentalistas cristãos» (The Christian Fundamentalists) está a dar apoio incondicional a Israel. Este movimento «evangélico» muito poderoso tem uma influência inegável na política pró-israelita nos Estados Unidos da América.

Assim, em todo o chamado mundo ocidental livre, ou nas nações por ele influenciadas, ninguém é livre de contrariar Israel sem arriscar a prisão. Constatamos sempre que a aproximação judaico-cristã conduz inevitavelmente a uma solidariedade infalível com o Estado judaico.

Mencionei apenas alguns dos incontáveis exemplos do sucesso da sedução sionista em todo o mundo. Este sucesso mostra que Israel é de facto o poder mentiroso profetizado que é capaz de drenar tantas pessoas.

Agora aqui estão as principais profecias sobre a abundância da colheita sionista: - «...e enganarão a muitos» (Mateus 24:5). -«Haverá entre vós falsos mestres que introduzirão seitas perniciosas e que, **negando o Mestre** que as redimiui, trarão sobre si uma rápida perdição. Muitos seguirão a sua lascívia...» (2 Pedro 2:1-2). Ao especificar que estes falsos professores «**negam**» o Mestre, Pedro denuncia os judeus que negam Jesus. - «Espantado, a terra inteira seguiu a Besta (Israel)... Foi-lhe dado poder sobre cada raça, povo, língua e nação. E adorá-lo-ão, todo aquele que habita sobre a terra, cujo nome não está escrito no livro da vida do Cordeiro que foi morto (Jesus)» (Apocalipse 13,3-8).

Para os vigilantes, estas profecias têm como objectivo a mistificação sionista universal.

No mundo muçulmano, os sionistas usaram o Alcorão para defender o seu caso. Referem-se, por exemplo, ao Capítulo 5 «A Tabela» versículos 21-22 (esta numeração é, segundo o Alcorão Árabe, diferente de alguns versículos nas várias traduções) do Alcorão, que diz o seguinte «Moisés disse ao seu povo: ...Ó povo meu, entra na terra santa que Deus te designou...». Muitos muçulmanos têm sido convencidos do direito legítimo dos judeus de hoje de possuir a Palestina, uma vez que

Deus o «destinou» a eles. Os Acordos de Camp David entre o Egipto e Israel são, pelo menos em grande parte, devido à má interpretação de tais versos.

No entanto, nunca se deve isolar um versículo bíblico ou corânico do seu contexto, nem se deve permitir ser arrastado para a interpretação de versos de acordo com os caprichos sionistas. O versículo mencionado diz-nos que Moisés convidou os israelitas que fugiam do Egipto a entrar na Palestina a partir do sul do país. Este mesmo facto está relacionado pela Bíblia nos capítulos 13 e 14 do livro de Números. O Alcorão apresenta-o desta forma:

«Moisés disse ao seu povo: '... Ó meu povo, entra na terra santa que Deus vos destinou. . . Não voltes atrás (para o Egipto), para que não sejas destruído», responderam eles: «Ó Moisés, há poderosos gigantes (nesta terra) e nós não entraremos até eles saírem; e depois, quando eles saírem desta terra, nós entraremos» (Números 13 & 14)

Moisés tinha portanto convidado os israelitas a viver pacificamente com os habitantes palestinos. Por outro lado, desde o início, a maioria dos judeus tinha excluído qualquer possibilidade de coexistência pacífica com os legítimos proprietários das terras de Canaã e exigiu a sua partida mesmo antes de se estabelecerem no seu lugar. Se a comunidade judaica tivesse tido intenções pacíficas, não teria tido medo de entrar em Canaã. Mas, desejosos de monopolizar as terras destes poderosos gigantes, os judeus preferiram vê-los fugir antes de entrarem. Esta atitude de «não-assimilação» sempre caracterizou os grupos judeus que muitas vezes vivem em guetos nos países onde vivem.

Os israelitas esforçam-se por impor uma compreensão sionista de textos inspirados sobre acontecimentos passados; estão a actualizar e a adaptar estes textos à sua visão nacionalista actual. Mas a intenção de Deus, desde o início, é clara: introduzir os judeus na Palestina para espalhar o monoteísmo, vivendo tranquilamente com os seus habitantes.

Assim, foi como uma **comunidade israelita**, não como uma **nação israelita**, que Deus quis introduzir os hebreus na Palestina. Pois são de origem síria, como aprendemos no livro de Deuterónimo no capítulo 25:6. Por conseguinte, nunca precisaram de outra nacionalidade para existir na região do Médio Oriente, nem no passado nem no presente. Mas a perspectiva nacionalista dos israelitas, que se tornaram israelitas, abortou o plano de Deus para eles.

Na interpretação dos textos inspirados, dois pontos devem ser enfatizados:

1. Os versos acima mencionados não se dirigem aos israelitas do século XX e não justificam o nacionalismo e o expansionismo israelitas.
2. O Corão, após a Bíblia, denuncia a quebra do Pacto entre Deus e os israelitas como resultado da infidelidade destes últimos. De facto, Deus diz no Alcorão: «Deus aceitou o pacto dos filhos de Israel. E nós levantamos doze líderes dentre eles, e Deus disse: Eu estarei convosco se fizerdes a oração certa... Mas porque eles violaram o pacto que fizeram, Nós amaldiçoamo-los» (Alcorão 5; A Mesa, 12-13).

Esta maldição corânica confirma a maldição da Bíblia. 5 De facto, Moisés disse à comunidade judaica no Deuterónimo: «Mas se não obedeceres à voz do Senhor teu Deus, todas estas maldições virão sobre ti e virão sobre ti: Serás amaldiçoado na cidade e serás amaldiçoado no campo...» (Deuterónimo. 28:15-69).

Os profetas bíblicos denunciaram unanimemente as múltiplas infidelidades dos judeus (Jeremias 7,24-34 e 31,32) e, conseqüentemente, proclamaram a quebra do Pacto. Esta é a maldição que permanece especialmente após a negação de Jesus, o Messias, Fundador do Novo Pacto.

O Alcorão e a Bíblia condenam Israel. Que não haja engano.

5. A dimensão profética do conflito árabe-israelita

Dos capítulos anteriores é claro que a luta árabe contra o Estado de Israel é de natureza profética e espiritual, sendo a concretização da luta contra o mal absoluto encarnado neste Estado charlatão. Erigido contrariamente à vontade divina e num território usurpado pela violência armada, Israel torna-se o símbolo da injustiça. É por isso que todos aqueles que lutam contra esta injustiça são os representantes do Bem Absoluto na terra, soldados de um exército celestial inspirado por Deus e cujo líder é o Arcanjo Miguel.

Poucas pessoas estão conscientes desta dimensão espiritual e apocalíptica da luta árabe-israelita em geral e da luta islamo-israelita em particular. Não se pode, infelizmente, falar de uma luta cristão-israelita, uma vez que a maioria das igrejas cristãs está empenhada em Israel. Por outro lado, a grande maioria dos muçulmanos compreenderam que Israel é «mal absoluto» e que «colaborar com Israel é um pecado», como disse o famoso líder religioso xiita Moussa El Sadr. É nesta qualidade que a Resistência Libanesa no Sul do Líbano luta corajosamente contra o ocupante israelita. Esta corajosa Resistência nacional é composta principalmente por muçulmanos xiitas.

Segundo o Evangelho, lutar contra Israel é atacar o Anticristo e proclamar-se, consciente ou inconscientemente, discípulo de Cristo Jesus. Por outro lado, aceitar o Estado de Israel é negar Cristo.

É através do compromisso contra Israel que Jesus faz hoje novos discípulos. E é através do pacto com Israel que aparecem as deserções de Cristo. O poder mistificador de Israel foi ultrapassado ao apresentar o mal israelita como um bem absoluto, que os cristãos devem proteger contra os muçulmanos árabes. Estes últimos são apresentados pelos israelitas como o Anticristo apoiado pelo ateísmo comunista. As pessoas gananciosas por mentiras têm acreditado nesta mistificação sionista. Assim, Israel revelou-se aquele poder mentiroso enviado ao mundo para reunir à sua volta os amantes da mentira, como Paulo explicou no texto aos Tessalonicenses acima citado (2 Tessalonicenses 2,11-12).

O charlatanismo sionista dá a Israel a imagem de uma vítima heróica e aos árabes - especialmente à Síria, o seu primeiro inimigo actual - a imagem do terrorismo e do Anticristo. Este engano repete-se periodicamente na imprensa ocidental e sob diversas formas, mesmo nas interpretações das chamadas profecias de Nostradamus. O mundo do cinema também tem participado em levar os cristãos a acreditar que o inimigo é o árabe e o muçulmano. O judeu e o israelita são sempre vítimas ou heróis. Estes filmes são produzidos por judeus-israelitas como o Sr. Menahem Golan. Estes filmes são amplamente distribuídos na América e na Europa.

A crença popular comum de alguns cristãos ocidentais sobre Israel, particularmente nos Estados Unidos, pode ser resumida nos três pontos seguintes:

1. O regresso dos judeus à Palestina e a fundação de um Estado judaico são realizações bíblicas e proféticas.
2. Com este regresso e a fundação deste estado, a história humana entra na sua fase final que terminará com a guerra de Har Magueddon mencionada no Apocalipse de João (Apocalipse 16:16). Esta é a guerra contra o inimigo de Deus, o Anticristo, que também é apresentado como o inimigo do Estado de Israel. Como resultado, os aliados de Israel estão a lutar por Deus.
3. Após a guerra de Har-Magueddon, terá lugar a Segunda Vinda de Jesus, e os judeus acreditarão n'Ele.

O erro nestes pontos é apresentar o árabe e o muçulmano como o Anticristo. Pois o Islão reconhece que Jesus é o Cristo e condena os judeus que o negaram. A profecia de João sobre o Anticristo aplica-se apenas aos israelitas que rejeitam Jesus e querem outro Cristo.

É por isso que acreditamos nos três pontos mencionados, com esta única diferença - que muda todo o aspecto do problema - que o Anticristo é Israel. Este é o inimigo de Deus descrito pelas profecias e contra o qual os seguidores de Cristo devem lutar.

Chegamos assim a uma conclusão contrária à dos aliados «cristãos» de Israel: lutar contra Israel é lutar por Deus e pelo seu Cristo. É isto que Jesus nos convida a fazer no Evangelho, dizendo: «Quanto aos meus inimigos, que não me queriam como seu rei, traga-os aqui e mate-os perante mim». (Lc 19,27).

A luta anti-israelita está actualmente a tomar forma em torno da Síria. Este país é a resposta de Cristo ao Anticristo. No final da sessão à guisa de conclusão, reservo, portanto, uma palavra para o papel profético e apocalíptico da Síria.

É útil relatar brevemente as opiniões dos estudiosos bíblicos judeus e do profeta Maomé sobre o conflito israelo-árabe.

5.1 Estudiosos bíblicos judeus

Utilizaram e abusaram dos capítulos 38 e 39 de Ezequiel para ganhar a simpatia dos cristãos ao serviço de Israel. Estes capítulos dizem que no final dos tempos, «Gog e Magog» -símbolo do paganismo - virá do Norte contra o povo de Deus estabelecido na Palestina. Ali, Deus irá destruí-los para sempre. Os judeus do nosso tempo interpretam isto a seu favor, afirmando ser este povo de Deus e apontando para a Síria, apoiada pela Rússia, como Gog e Magog vindos da fronteira norte de Israel.

Mas o Apocalipse de João interpreta esta profecia de Ezequiel de forma diferente, explicando que Gog e Magog invadirão a Palestina dos quatro cantos da terra. Seduzidos por Satanás, não guiados por Deus, eles estabelecer-se-ão em todo o país pela guerra, e invadirão Jerusalém. Mas então um fogo descerá do Céu para os destruir (Apocalipse 20:7-9). Isto aplica-se aos «judeus» que invadiram a Palestina dos quatro cantos do mundo para ocupar todo o país, incluindo Jerusalém, por crime. O povo de Deus de hoje são aqueles que sofrem a injustiça israelita e aqueles que lutam contra ela.

Os judeus, seduzidos por Satanás, acreditam que são o «povo escolhido» com direito à «terra prometida». Assim, invadiram a Palestina de todo o mundo, mas especialmente do Norte, como diz Ezequiel, da Rússia e da Polónia, as pátrias originais de muitos líderes israelitas; e é ainda da Rússia, do Norte, que os israelitas esperam ver os milhões de judeus russos ainda em Israel.

Jesus regressa hoje, através do seu Evangelho, e abana, como o fez há dois mil anos atrás, todas as conquistas da mentalidade israelita. Esta mentalidade racista deve-se a uma compreensão errada e centrada em Israel do judaísmo.

Não, o judaísmo não é representado pelos israelitas.

Não, Israel não representa o judaísmo.

O verdadeiro judaísmo foi perfeitamente representado e explicado por Jesus. Cristo derrubou todas as ilusões sionistas dizendo que os israelitas, que acreditam ser os primeiros, são pelo contrário os últimos, e que os últimos aos olhos dos israelitas são os primeiros em Deus. Este é o verdadeiro judaísmo. Os «judeus» de hoje recusam-no.

Deus coloca os israelitas no centro da injustiça por terem negado Jesus sem razão e por terem usurpado uma terra e massacrado os seus habitantes. Mas os legítimos proprietários da Palestina que gemem sob o jugo da injustiça e resistem a recuperar os seus bens, juntamente com os seus aliados, são elevados a Deus. Abençoados são aqueles que têm fome e sede de justiça, como Jesus ensina; mas a maldição é o destino dos inimigos de Cristo que ocupam a terra dos outros.

5.2 O Profeta Maomé

Maomé avisa-nos, como no Evangelho, contra o Anticristo e o flagelo de Gog e Magog que virá de toda a parte sobre a Palestina.

Nas suas discussões espirituais, Maomé apontou o homem sionista como o inimigo por excelência dos crentes. Ele disse: «A ressurreição dos mortos não terá lugar enquanto os muçulmanos não lutarem contra os judeus» (*O termo «sionista» é recente e não podia ser usado de forma alguma pelos profetas de outrora*) (N ° 1818) (*A numeração das Discussões Espirituais é feita de acordo com o livro do Sheikh Sobhi El Saleh «Manhal el Waridine» do qual são traduzidas*). Isto significa que os judeus, no final dos tempos, recuperarão forças suficientes para poderem fazer guerra contra os muçulmanos que os tinham derrotado no passado e expulsado da península da Arábia.

De acordo com o Alcorão, os judeus e os idólatras de Meca são os maiores inimigos dos crentes. Deus disse a Maomé: «Vereis que os judeus e os idólatras são os piores inimigos dos crentes» (Sura 5, «A Mesa Serviu», 82). Nisto, a inspiração corânica não difere nem do Antigo Testamento que denuncia a infidelidade dos judeus, nem do Evangelho que os descreve como falsos.

As profecias de Maomé sobre o Anticristo levam-nos a concluir que este formidável inimigo emana do mundo judeu. Ele diz nos seus Discursos: «Sete mil judeus de Esfahan seguirão o Anticristo» (1810). Ao especificar que são os judeus que irão seguir este Sedutor, o Profeta do Islão já está a indicar a sua identidade judaica. Esfahan é a cidade do Irão que contém o maior número de judeus iranianos. Após a queda do Xá do Irão, muitos deles emigraram para Israel. O número 7.000 é simbólico e representa uma totalidade.

«O Anticristo aparecerá na minha comunidade (ou nação)», diz também Muhammad, «Deus então levantará Jesus, filho de Maria, contra ele, que o perseguirá e destruirá» (1808). Foi de facto no coração da nação árabe e da comunidade muçulmana que Israel apareceu.

O Profeta do Islão também previra que o Anticristo seria enganador e que conseguiria seduzir muitos árabes. Por isso, avisou-os, dizendo: «Temo por vós apenas o Anticristo... Ele virá ao povo e solicitá-los-á (convidá-los); eles acreditarão nele e responderão ao seu chamamento...» (1806). Israel convidou os árabes para o diálogo; alguns responderam explicitamente, outros implicitamente, aos seus avanços. Os acordos «Camp David» entre o Egipto e Israel são um exemplo típico das solicitações israelitas esgotadas pelos árabes muçulmanos, como previsto pelo grande profeta árabe.

Vários líderes árabes, por sua vez, gostariam de fazer um pacto mais franco com o Anticristo israelita; eles não ousam fazê-lo por medo do seu povo. De facto, os reis árabes exigiram que os líderes palestinianos reconhecessem o Estado de Israel; o Rei de Marrocos propôs aos árabes que delegassem um dos líderes árabes para iniciar conversações com o Estado hebreu em seu nome.

Há conflitos entre árabes, alguns a favor e outros contra o seu reconhecimento. Isto explica os múltiplos avisos de Muhammad contra o Anti-Cristo. Ele disse aos árabes: «O Anticristo aparecerá entre vós. Deus proíbe-vos de derramar o vosso sangue e esbanjar o vosso dinheiro... Cuidado, cuidado, não vos torneis descrentes depois de mim, batendo uns nos outros no pescoço» (204). Vendo o sangue dos árabes e o seu dinheiro desperdiçado pelos conflitos entre eles por causa de Israel, especialmente no Líbano, e vendo o petróleo árabe indirectamente e discretamente colocado ao serviço de Israel e dos seus aliados, só se pode concordar com o nobre profeta do Alcorão.

Falando de Gog e Magog, Muhammad expressa para eles a mesma preocupação que para o Anticristo. Nas suas Discussões Espirituais, as duas pragas parecem idênticas e ambas serão combatidas por Jesus e pelo seu próprio povo. Falando destes dois males na Discussão de 1808, ele diz aos crentes

«Temo por si apenas o Anticristo». Se ele aparecer enquanto eu estiver entre vós, serei eu a refutar os seus argumentos. Mas se ele aparecer e eu não estiver entre vós, então

cabará a cada um argumentar por si (contra ele) e Deus será o meu sucessor para todos os muçulmanos... Então Jesus irá manifestar-se contra o Anticristo do povo tornado invulnerável por Deus. Pois Deus disse a Jesus: 'Escolhi-me entre os fiéis que nenhuma mão pode combater'. E Deus enviará Gog e Magog, que irão fugir por todos os lados. Os seus pioneiros irão atravessar o Lago Tiberíades. Então Jesus e o seu povo, abençoados sejam eles, intercederão junto de Deus que enviará vermes contra (Gog e Magog) para os matar a todos e morrerão repentinamente, como um só homem» (Discussão 1808)

Tínhamos visto na Discussão Espiritual Nº 1808 que o Anticristo iria aparecer na nação árabe e que Jesus iria persegui-lo e destruí-lo. Em Discussão 1806, é ainda Jesus que deve lutar contra Gog e Magog. Isto mostra que o Anticristo e Gog e Magog são um e o mesmo inimigo sob dois nomes diferentes:

Este inimigo irrompe em força «de todos os lados», dos quatro cantos da terra, como diz o livro do Apocalipse, e invade a Palestina, ao atravessar as Tiberíades. É Jesus e o seu povo que derrotarão este Anticristo, o Gogue e o Magogue do fim dos tempos, como também predito no Evangelho (Mt. 24:30 - Apocalipse 19:11-16).

Hoje, os discípulos de Jesus não são necessariamente os cristãos tradicionais, registados nos registos das igrejas paroquiais, mas sim todos os corajosos combatentes que estão de todo o coração empenhados na difícil luta contra Israel e os seus poderosos aliados. «Estes têm os seus nomes escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto» (Jesus), segundo a expressão do Apocalipse (Apocalipse 13:8)... mesmo que algumas paróquias cristãs se recusem a registá-los nos seus registos.

6. Conclusão: o papel salutar da Síria

A inspiração divina começou discretamente no norte da Síria há 4000 anos (Génesis 11:31 - 12:5). Abraão era sírio, como aprendemos com Deuterónimo 26:5. Deus começou a sua obra salvadora na terra, na Síria e através de um sírio. No fim dos tempos, é através da Síria que Deus triunfará sobre os apóstolos do mal no mundo.

A 13 de Maio de 1983, a Síria proclamou oficial e definitivamente a sua rejeição categórica de qualquer acordo com Israel. Este «não» sírio ao sionismo perturbou os planos israelitas e desiludiu as esperanças israelitas, porque desencadeou o lento mas irreversível processo de desintegração do Estado hebreu.

É por isso que os Estados Unidos - o protector de Israel - tentaram repetidamente e de todas as formas obter uma mudança de atitude por parte da Síria. Mas todas as suas tentativas foram em vão e o «Não» sírio apareceu, após cada tentativa, resolutamente estável e definitivo, como anunciado desde o início pela Síria,

As consequências da firmeza síria depressa se tornaram evidentes. Esta foi a causa directa e subtil da demissão de Menahem. Começou em Agosto do mesmo ano, apenas três meses após a proclamação síria. Esta súbita e inesperada demissão de um Primeiro-Ministro foi sem precedentes em Israel e apanhou o mundo de surpresa. Os israelitas sentiram as graves consequências a curto e longo prazo: compreenderam o simbolismo e falaram da queda de todo o povo na pessoa do seu Primeiro Ministro, do «declínio» e do «funeral de Israel».

Todos os esforços para trazer Bégin de volta à vida política, ou mesmo à vida humana normal, foram em vão. O eclipse de Bégin foi uma grande desilusão para todos os israelitas que nele tinham visto durante as primeiras eleições israelitas de 1981 - apenas dois anos antes - o Rei e o «Messias» dos judeus.

Outra consequência directa do «Não» sírio de 13 de Maio de 1983 foi a revogação, em Março de 1984, do acordo libanês-israelita de 17 de Maio de 1983. Este acordo foi assinado apenas 4 dias mais tarde, e apesar da recusa síria.

A sua revogação, sob pressão síria, apenas 10 meses após a sua assinatura, sublinha e simboliza o papel salutar da Síria. Para alguns ocidentais, não parece importante nem eficaz, mas um tal acordo teria feito do Líbano uma colónia israelita ao serviço dos planos políticos e económicos universais do sionismo. Esta revogação deu um duro golpe no prestígio moral e político de Israel e aumentou o seu isolamento.

Além disso, a situação económica em Israel é catastrófica. A inflação está a perfurar novos tectos todos os dias e a forçar despedimentos em massa. O preocupante desemprego em Israel deve-se ao seu isolamento, que se está a tornar ainda mais hermético com a oposição da Síria.

Para melhor apreciarmos o «Não» sírio de 13 de Maio de 1983, imaginemos que teria sido, pelo contrário, «Sim» a Israel. Tudo teria sido, evidentemente, a favor do Estado hebreu e o seu antigo Primeiro-Ministro demissionário Menahem Begin ter-se-ia regozijado e felicitado a si próprio em vez de desaparecer.

Como país limítrofe de Israel e a única frente anti-israelita directa actual, a Síria representa a luta contra os usurpadores das terras do Médio Oriente e em particular dos Montes Golan, terra síria. Este país de Hafez El Assad, Presidente da Síria, é o chefe da resistência contra o Anticristo e o símbolo que reúne aqueles que têm sede de justiça na luta profética contra a injustiça israelita.

Profética, a atitude síria é totalmente profética. O sopro dos profetas que condenaram Israel está hoje na Síria e nos seus aliados. Este é o momento de dizer com o profeta Miquéias a todos aqueles que estão encantados ou intimidados pelo estado israelita usurpador:

«Eu, pelo contrário, estou cheio de força e do sopro de Deus, de justiça e de coragem, para proclamar a Jacó a sua perda e a Israel o seu pecado» (Miqueias 3,8). A Síria traduziu estas palavras proféticas e corajosas em acções.

Deus, pela boca do profeta Ezequiel, convida todos os guerreiros a reunir-se para exterminar o Gogue e Magogue israelitas e «comer» estes inimigos de Deus e do Seu Cristo, dizendo: «Congregai-vos, vinde, reuni-vos de todos os lados para o sacrifício que vos ofereço, um grande sacrifício no Monte de Israel, e comereis carne e bebereis sangue. Comereis a carne dos poderosos e bebereis o sangue dos príncipes da terra... À minha mesa sereis satisfeitos com os poderosos e com todos os homens de guerra» (Ezequiel 39,17-20).

É importante notar que Deus oferece este sacrifício «no monte de Israel». É portanto ali, em Israel, que Deus lidera os Seus guerreiros contra o Anticristo que ali reúne o seu povo no fim dos tempos. O «corpo» ou coração pulsante do sionismo mundial está hoje na Palestina ocupada, transformado, para a ocasião, em Israel.

Jesus falou aos seus apóstolos sobre estes acontecimentos, e eles desejavam saber onde isto iria ter lugar. O Evangelho de Lucas conta este episódio, dizendo: «Então eles responderam-lhe: 'Onde, Senhor?' E ele disse-lhes: 'Onde estará o corpo, ali também se reunirão os abutres'» (Lc 17,37). A alma do sionismo está espalhada por todo o mundo na mente dos judeus sionistas, onde quer que estejam. Mas o «corpo» do Sionismo é Israel. É aqui que os «abutres», ou seja, os soldados de Deus, devem reunir-se para destruir o estado do Anticristo.

Mateus usa a palavra «cadáver» (Mateus 24:28). Isto exprime o estado de «decomposição» deste «corpo» israelita, social, económica e moralmente. A decadência do povo que acredita ter sido eleito faz da entidade política que criou para si próprio um estado morto. Amos Kenan, o conhecido autor israelita, expressou a seguinte opinião: «O Israel construído por Ben Gurion está agora a chegar ao fim, o desastre no Líbano selou o seu destino».

Deus também tinha pedido a Ezequiel para convocar «aves de toda a espécie» para comer o sacrifício que ofereceu no Monte de Israel (Ezequiel 39:17). Também aqui, os soldados de Deus são simbolizados por «aves», pois é preciso ter uma alma nobre e elevada, como as aves do céu, para se atrever a atacar os inimigos de Deus.

No livro do Apocalipse, Deus assume este apelo à guerra e envia o Seu exército contra as duas bestas amaldiçoadas aliadas, Israel e os Estados Unidos da América, dizendo, e cito Apocalipse, «a cada ave que voa pelo céu, Vinde e uni-vos à grande festa de Deus E comereis a carne dos reis, e a carne dos grandes capitães». E João acrescenta imediatamente: «E vi a Besta (isto é, Israel), com os reis da terra (isto é, os Estados Unidos) e os seus exércitos, reunidos para lutar contra o Cavaleiro (Jesus) e o seu exército (aqueles que lutam contra Israel). Mas a Besta foi apanhada com o falso profeta que faz maravilhas ao seu serviço (ou seja, a América)... E ambos foram lançados vivos no lago de fogo» (Apocalipse 19:19-20). Este anúncio profético da derrota das duas Bestas - a israelita e a americana - é uma garantia do triunfo da Síria sobre os seus inimigos.

A parábola da «festa de casamento» descrita no Evangelho de Mateus (Mateus 22,1-14) também se refere à guerra contra Israel. Durante este «banquete», a carne do Anticristo é «devorada» pelos amigos de Jesus Cristo. Esta parábola descreve o casamento do «Filho do Rei». O Rei (Deus) enviou os Seus servos (profetas e apóstolos, depois os guerreiros contra Israel) para «convidarem os convidados para o casamento, mas eles não quiseram vir» e mataram os servos do seu Rei. «O Rei ficou furioso e enviou as suas tropas que mataram estes assassinos e incendiaram a sua cidade».

Como se explica esta violência num jantar de casamento?

Pois seria incompreensível esta violência assassina, descrita por Mateus, contra os criados enviados para convidar para o banquete pacífico do «casamento do Filho do Rei», e incompreensível também o castigo sangrento e exterminador do Rei contra os convidados que se recusaram a participar no banquete, se esta parábola não implicasse um facto de guerra.

O paralelismo entre esta Parábola e os excertos de Ezequiel e do Apocalipse consiste no facto de que a Festa de Casamento de Mateus não é mais do que um convite à batalha contra Israel e os seus aliados.

Os cristãos pró-israelitas não só rejeitam o convite para combater o Sionismo, como também lutam e matam os «servos do Rei» divinos que se opõem ao Anti-Cristo israelita.

É a Síria e os seus aliados que são os servos do Rei enviados para convidar à batalha contra o campo sionista para comer a carne dos exércitos do Anticristo no «Casamento» do triunfo de Cristo Jesus, o «Filho de Deus, o Rei». E esta é a razão pela qual o campo sírio é caluniado e acusado de terrorismo e, como tal, é combatido até à morte pelo campo do Anticristo.

Mas agora o Rei Divino está a enviar os seus soldados para exterminar os assassinos dos seus servos. A ordem dada por Jesus no Evangelho de Lucas já está a ser executada: «Quanto aos meus inimigos que não me quiseram como seu rei, trá-los aqui e matá-los na minha presença» (Lucas 19,27).

A guerra contra Israel não é apenas o banquete de casamento da Parábola de Mateus, mas também o messiânico «Casamento do Cordeiro» do Apocalipse, Jesus, onde Deus oferece na sua mesa espiritual aos convidados que respondem ao seu apelo, a carne dos líderes israelitas e pró-israelitas para a devorarem triunfantemente e à saciedade.

«Bem-aventurados aqueles que são convidados para a ceia matrimonial do Cordeiro», diz Deus em Apocalipse àqueles que vêm lutar contra o Anticristo (Apocalipse 19:9).

O campo sírio respondeu generosamente ao apelo divino; feliz é ele!

O papel profético da Síria contra Israel no século XX faz parte do que os profetas chamavam «o Dia do Senhor». Os israelitas de outrora aguardavam com expectativa este dia, acreditando que era o grande dia da sua vitória sobre os seus inimigos assírios, sírios, babilónicos ou romanos, dependendo dos vários períodos da história do nacionalismo israelita. Os israelitas de hoje estão também ansiosos por este grande dia, que eles acreditam ser vitorioso e feliz para Israel.

Agora, os profetas sempre avisaram os nacionalistas judeus, convidando-os a libertarem-se das suas ilusões e optimismo irrealista, prevendo que este «Dia do Senhor» será para eles um dia negro, uma série de luto; não será o grande dia da libertação nacional final que eles esperam. Assim, o profeta Amós disse aos israelitas: «Ai daqueles que suspiram após o Dia do Senhor! O que será para si no Dia do Senhor? Será trevas e não luz... será trevas, sem luz... É assim que eu te tratarei, ó Israel, diz Deus, e como te tratarei assim, prepara-te, ó Israel, para encontrares o teu Deus» (Amós 5:18-20 e 4:12).

O Apocalipse repete esta profecia contra Israel no nosso tempo. Nele, João prevê o «Grande Dia de Deus» como um dia de guerra mundial, para o qual o espírito mau viaja pelo mundo, como nos informa o Apocalipse, para «reunir os reis de todo o mundo para a guerra, no Grande Dia de Deus Todo-Poderoso» (Apocalipse 16:14). Este Grande Dia de Deus é um dia de triunfo para Jesus e o seu exército e o extermínio do campo do Anticristo. É conhecido no Apocalipse como Har-Mageddon (Apocalipse 16:16). O confronto sírio-israelita prepara este maravilhoso Dia de Deus, um dia de trevas para Israel, como predito pelos profetas, mas um dia de triunfo para Cristo, que luta hoje contra o Anticristo com armas sírias.

Então o mundo compreenderá o papel benéfico da Síria e a importância do «Não» sírio proclamado inexoravelmente contra Israel a 13 de Maio de 1983.

Copyright © 2026 - Pierre2.net - All rights reserved.